

p2

Economia

O panorama do fundo do poço

FRANCISCO SOUZA DANTAS

A crise é generalizada. A taxa de inflação, que continua sem controle, tende a aumentar. Há desemprego, as exportações perdem competitividade. Pessoas ricas são vítimas de seqüestros e as empresas estatais, inchadas pelo empreguismo, são administradas conforme conveniências políticas. Forte desnível econômico entre o Norte industrializado e o Sul carente complica a formulação de qualquer política econômica.

Brasil hoje? Não, Itália nas décadas de 60 e 70.

A Itália inviável de pouco mais de dez anos passados é hoje uma das economias mais pujantes do planeta. Em 1985 ultrapassou a Inglaterra para se tornar a quinta maior economia do mundo capitalista. O elevado poder aquisitivo de seu povo sustenta um esquema profissional — futebol, vôlei, basquete — que já nos acostumamos a admirar e a invejar pelas transmissões de TV.

Brasil e Itália têm muita coisa em comum. Somos povos parecidos. E se eles, sem os recursos de que dispomos, conseguiram virar o jogo, não há por que não possamos fazer o mesmo.

Há casos ainda mais impressionantes. A Coreia do Sul, na década de 1950, tinha índices econômicos e sociais bem inferiores aos brasileiros, além de carência de recursos naturais e necessidade de sustentar uma onerosa estrutura militar.

Apesar disso, e de estar arra-

sada por uma guerra, a Coreia supera o Brasil hoje em seus índices sociais e econômicos e pôde dar ao mundo o espetáculo da última Olimpíada.

Estes e outros exemplos nos demonstram que nenhuma sociedade é inviável, por pior que seja a crise que tenha tido de suportar. O que cada país precisa é encontrar o seu caminho e depois, com inteligência e esforço, percorrê-lo.

Se Coreia e Itália conseguiram, não vejo por que o Brasil não possa voltar a crescer, como tantas vezes cresceu no passado recente. Claro que isso exige dedicação, inteligência e união da sociedade brasileira em torno de metas definidas. Um futuro melhor não será o prêmio de braços cruza-

dos, de lamúrias e pessimismo ou de conflitos sociais em torno de temas menores.

Temos de acreditar mais na competência do dia-a-dia, e não em soluções de caráter mágico. Temos de ter coragem de rever os erros cometidos. Aliás, o governo Collor deu um belo exemplo desta coragem ao promover uma total reviravolta de sua política agrícola. Má política gerou duas safras ruins, e não tenho dúvida de que, a partir do próximo ano, safras melhores premiarão a honestidade de corrigir os equívocos de ontem.

Nem é bom hábito inventar bodes expiatórios. Nossa Constituição é cheia de defeitos, e algumas das mudanças necessárias são urgentes. Mas

atribuir-lhe a conta a crise atual é agredir o bom senso. Veja-se, por exemplo, a questão da má arrecadação de impostos. O pobre desempenho da arrecadação do Imposto de Renda—Pessoa Física deve-se à desordem normativa criada pelo próprio governo. Um caso de má gestão. E com má gestão não há reforma constitucional que possa dar jeito.

Temos de aprender a promover a união dos diferentes segmentos da sociedade em torno dos objetivos maiores do País. Para isso, precisamos evitar querelas provincianas em que patrões, empregados, povo e classe política se agredem uns aos outros. Os políticos só são políticos porque o povo os escolheu, e os empregados só são empregados porque foram admitidos nos respectivos empregos pelos patrões. Portanto, temos todos mais responsabilidades na atual situação do que gostamos de reconhecer.

Assim sendo, é muito mais produtivo tentar contribuir para que as coisas melhorem do que espalhar veneno contra os políticos que nós mesmos elegemos, resmungar com os empregados que nós mesmos admitimos em nossas empresas ou fazer corpo mole nas nossas obrigações de um modo geral. No conjunto da sociedade, o fracasso de um ônus, em maior ou menor grau, é de todos. Em vez de criticar a falha alheia, vamos ajudar a compensá-la ou corrigi-la.

A atual crise brasileira é grave, ampla e generalizada. Mas não é impossível de ser equacionada ou resolvida. E, sobretudo, não vai durar para sempre.

■ Francisco Souza Dantas é presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ).

